



O FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM DE UM SUJEITO QUE APRESENTA PARAFASIA

Brena Batista Caires¹
Nirvana Ferraz Santos Sampaio²
Francielly Neves Nascimento³

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é mostrar o funcionamento da linguagem de um sujeito que apresenta parafasia. Ou seja, o afásico tem a intenção de enunciar determinada palavra, mas devido à dificuldade de acesso ao eixo paradigmático da linguagem produz outra no lugar, a sua revelia. Na perspectiva da linguística, Jakobson (1975) coloca a afasia como sendo, antes de tudo, uma desintegração da linguagem relacionada a um dos eixos linguísticos (o associativo e o sintagmático)⁴, considerando as relações entre os diversos níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico)⁵. Coudry (1988) afirma que “um sujeito é afásico quando, do ponto de vista linguístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção ou interpretação”. Na perspectiva da Neurolinguística Discursiva (ND), Coudry (2010) ressalta que o ponto de partida da interlocução é tudo aquilo que a ela diz respeito, ou seja, as relações que nela se estabelecem entre sujeitos falantes de uma língua, dependentes das histórias particulares de cada um, as condições em que se dão a produção e interpretação do que se diz as circunstâncias histórico-culturais que condicionam o conhecimento partilhado e o jogo de imagens que se estabelece entre os interlocutores.

1 Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus de vitória da Conquista*, Bahia e Mestranda em Linguística. Endereço eletrônico: brendynhacaires@hotmail.com

2 Doutora em Linguística. Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Orientadora da Pesquisa. Endereço eletrônico: nirvanafs@terra.com.br

3 Graduada do Curso de Psicologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *Campus de Vitória da Conquista*, Bahia. Bolsista de IC da Fapesb. Endereço eletrônico: francielly_neves@yahoo.com.br

4 Segundo Saussure, a língua é formada por elementos que se sucedem um após outro linearmente, isto “na cadeia da fala”. A relação entre esses elementos Saussure (p. 142) chama de sintagma: O sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas. Leia mais em: <http://www.filologia.org.br/viisenefil/09.htm>. Acessado em 08 de abril de 2017.

5 Ver: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/niveis-linguisticos-quais-sao/33864>. Acessado em 08 de abril de 2017.



A análise linguística das afasias proposta por Jakobson (1954/1971), e discutida por Coudry em seus textos, parte da noção dicotômica de funcionamento da linguagem em dois eixos- seleção e combinação nos quais se organizam as entidades linguísticas a partir da noção dicotômica de funcionamento da linguagem em dois eixos:

Falar implica a seleção de certas entidades linguísticas e sua combinação em unidades linguísticas de mais alto grau de complexidade. Isto se evidencia imediatamente ao nível lexical quem fala seleciona palavras e as combina em frases, de acordo com o sistema sintático da língua que utiliza; as frases, por sua vez, são combinadas em enuncia dos. Mas o que fala não é de modo algum um agente completamente livre na sua escolha de palavras: a seleção (exceto nos raros casos de efetivo neologismo) deve ser feita a partir do repertório lexical que ele próprio e o destinatário da mensagem possuem em comum (JAKOBSON,1954 p.37).

Nas afasias um dos eixos está comprometido, seleção ou combinação ou os dois eixos podem estar alterados, numa relação de projeção de um eixo sobre o outro (JAKOBSON, 1954).

Para descrever, analisar e classificar as diferentes formas de afasias segundo a proposta de Jakobson (1954) é preciso necessariamente determinar qual dos dois eixos está alterado. Assim, ele propõe dois tipos fundamentais de afasia: a primeira caracterizada por dificuldade de seleção e substituição, enquanto a combinação e a contextura ficam relativamente estáveis; e a segunda caracterizada por distúrbio na combinação e contextura, com as operações de seleção e substituição relativamente preservadas.

Apresentamos, neste trabalho, recortes da fala de um dos participantes do ECOA (Espaço de Sujeitos afásicos e não afásicos)⁶, vejamos adiante.

METODOLOGIA

Utilizamos como base teórica para esta discussão, os estudos de Jakobson (1954/1975) sobre Linguagem e Comunicação e as discussões pautados da perspectiva da Neurolinguística Discursiva (ND), Coudry (1988; 2000; 2010). Neste trabalho o levantamento bibliográfico contribuiu para problematizar a temática em questão que,

⁶ O ECOA é um dos espaços do Centro de Convivência e Intervenção em Neurolinguística (CeCIN) que tem como sede o LAPEN, localizado na UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia) campus de Vitória da Conquista. O ECOA tem o intuito de oportunizar um ambiente dinâmico, de real interação entre pesquisadores, sujeitos afásicos e familiares.



neste caso, se trata do funcionamento da linguagem de um sujeito que apresenta parafasia. Realizamos o acompanhamento longitudinal deste indivíduo, no ECOA. As observações são feitas por meio de reuniões em grupo e individuais. A dinâmica se dá por meio de registros, nas agendas, de fatos da vida pessoal, há também sessões de brincadeiras, jogos, música, conversa e discussões. A natureza da pesquisa, que aqui apresentamos resultados, é qualitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O senhor AP, 76 anos, foi acometido por um Acidente vascular Cerebral isquêmico no dia 30 de agosto de 2014, tendo como sequelas a afasia, de acordo com relatório médico.

Observamos na fala de AP a anomia, dificuldade no acesso lexical, seguida, e, às vezes, seguida de parafasias. A parafasia é um distúrbio de similaridade⁷, uma dificuldade na seleção de palavras a partir de um repertório lexical comum aos interlocutores. Sobre a seleção Jakobson (1954) considera que “Uma seleção entre termos alternativos implica a possibilidade de substituir um pelo outro, equivalente ao primeiro num aspecto e diferente em outro” (p.40).

Vejamos agora, um recorte de uma entrevista com AP:

ICs- Lembra daquela vez que o senhor veio aqui e a gente viu uns vídeos, umas músicas... cê lembra? (Referindo-se ao encontro em grupo realizado na sexta anterior)

AP- “Sim, lembro! Já foi e já voltou e não vei... é aqui porque, quando chega aqui eles já vieram. Mas rapaz trouxeram um negócio aqui que eu não gostei daquele não”. (Se referindo ao filme)

ICs: O que trouxeram?

AP: “Aquele... **que menino gosta né?!**”

ICs: “Botou um bicho deste tamanho eu quero saber disso?! (Referindo-se ao personagem do desenho) eu não gostei daquilo não”!

Fonte: Banco de dados do LAPEN

Percebe-se que AP, para suprir a anomia⁸, na seleção de um item lexical, **filme infantil**, ou **desenho animado**, ele recorre ao eixo sintagmático. Ele fez uma **metonímia**

7 “Essa dicotomia é talvez até mais sugestiva ainda que a distinção clássica (não discutida neste artigo) entre a afasia de emissão e de recepção, que indica qual das duas funções, no intercâmbio verbal, na codificação ou na decodificação de mensagens verbais, é particularmente afetada”. (Jakobson, 1954)

8 Transtorno da linguagem que impede um sujeito de nomear as coisas.



para suprir o distúrbio de similaridade. A metonímia é caracterizada por Jakobson (1954) como “projeções da linha de um contexto habitual sobre a linha de substituição e seleção” (p.49). Assim, **filme infantil** é substituído por **“coisa que menino gosta”**. O sujeito AP faz uso constante das metonímias. Neste outro exemplo, podemos novamente perceber:

AP: “Esse que tá ai é o caçula”.

ICs: Seu filho?

AP: “Sim, e eu lutei moço, pra tomar conta do carro né... quando eu comecei sentindo que tava ruim né, ai ele não quis carro não. O outro tem um, mas é igual aquele que tem **três quatros puxando um atrás do outro** né... carro ele não quer não”.

ICs: (Repete) **Três quatros puxando um atrás do outro!** É o que? A carreta?

AP: Isso! É... E o meu puxava era boi né...

Fonte: Banco de dados do LAPEN

Percebemos novamente o uso da metonímia, AP utiliza a expressão **“três quatros puxado um atrás do outro”** para suprir o uso da palavra **carreta**. Dessa forma, a metonímia produzida como resposta ao distúrbio da similaridade é uma parafasia.

A parafasia na experiência investigada é vista numa perspectiva abrangente possibilidade prevista no sistema. Cabe reforçar que Neurolinguística discursiva (ND) considera que o ponto de partida da interlocução é tudo aquilo que a ela diz respeito, ou seja, as relações que nela se estabelecem entre sujeitos falantes de uma língua dependentes das histórias particulares de cada um. Assim, há uma relação entre linguagem, cultura e sociedade (COUDRY, 2000).

Consideramos, ainda, que na ND a afasia no contexto biológico não é o foco, pois procuramos compreendê-la, entendendo que o sujeito busque outras formas alternativas verbais e não verbais para produzir significados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões e dos dados aqui apresentados, verificamos a eficácia do sistema linguístico nos rearranjos dos eixos sintagmáticos e paradigmáticos. Pretendemos dar continuidade aos estudos com foco no ECOA, e assim, nos próximos trabalhos, mostrar mais detalhes, dados e evidências científicas que comprovam ainda mais os avanços na reestruturação da linguagem de sujeitos afásicos auxiliados por esta abordagem.



REFERÊNCIAS

COUDRY M.I.H. **Diário de Narciso**. São Paulo, Martins Fontes, 1988. 205p.

COUDRY M.I.H. O que é o dado em Neurolinguística? In: CASTRO, M.F. P(org). **O método e o dado no estudo da linguagem**. São Paulo. Editora da UNICAMP, 1996.

COUDRY, M. I. H. **Caminhos da neurolinguística discursiva**. São Paulo, Mercado das Letras, 2010. 399p.

JAKOBSON, R. **Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia** (orig. 1954) In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 34-62, 1971.